

O Jornalismo e os Olimpianos de Morin: um estudo da apresentadora Fernanda Gentil¹

Kathlyn MOREIRA²
Rodrigo Severo RODEMBUSCH³
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Unisinos, RS

RESUMO

Esta pesquisa estuda como alguns jornalistas e apresentadores televisivos saem do campo destinado à profissão de informar e dialogar com a audiência para serem construídos enquanto notícia adquirindo condição de celebridade. Tendo a jornalista Fernanda Gentil como objeto, a análise dos discursos jornalísticos identificou sentidos que são próprios do jornalismo e outros que remetem à vida privada. A base teórica está no conceito de olimpiano, de Morin (2011), e o âmbito do jornalismo é firmado na ideia de tribo jornalística, de Traquina (2013).

PALAVRAS-CHAVE: telejornalismo; apresentador; celebridade; olimpiano; comunicação.

INTRODUÇÃO

A centralização do apresentador no telejornalismo pode fazer com que ele acabe se transformando na imagem do noticiário perante o público, em razão da autoridade que lhe é depositada para ocupar este local de fala pela credibilidade e reconhecimento. O amplo alcance do telejornal e a visibilidade adquirida tornam o jornalista conhecido, o que favorece uma espécie de diálogo originada pelo tom de conversa com quem está do outro lado da tela. No entanto, essa condição também pode colocar o apresentador como alvo de interesse de veículos que priorizam a exploração da vida privada e o entretenimento. Por isso, é importante refletir sobre como o jornalista é construído quando passa de enunciatador de notícias para ser a própria notícia, além de compreender por que ele termina por se transformar em celebridade, um lugar que outrora era destinado exclusivamente aos artistas, ricos e pessoas de destaque social.

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante da Especialização Audiovisual e Convergência de Mídias da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e-mail: kathlynmoreira@gmail.com

³ Doutor em Ciências da Comunicação (Unisinos). Mestre em International Media Studies (Deutsche Welle/Hochschule Bonn-Rhein-Sieg – Alemanha), e-mail: r.rodembusch@gmail.com

O princípio do entendimento da celebridade nos dias de hoje ocorreu na consolidação do apogeu de Hollywood, com o *star system*. No período entre os anos 1930 e 1950, este modelo entrou em vigor a fim de alçar artistas ao estrelato. Pessoas comuns eram construídas como modelos de conduta, impregnados por uma aura mítica (MACHADO; HAGEN, 2004, p. 71). Morin (1989, p. 20) explica que a tendência de um astro inacessível foi se modificando a partir de 1930, quando a estrela vira uma mediadora do céu da tela e da Terra. Apesar do aspecto divino, ela é dotada de características humanas, fazendo um intermédio entre a idealização e a realidade. A nova estrela tem a simplicidade da vida burguesa, atua nas tarefas domésticas da casa, pode ser mãe – aliás, uma mãe exemplar –, abrindo espaço para a admiração em vez de veneração, suavizando o sublime para ser ainda mais amada.

Com a ideia de ser mais “humana”, e ficando mais próxima do público, o caráter de divindade da estrela enfraquece e contribui para a proliferação dos fãs-clubes, revistas especializadas, fotografias e correspondências, o que fortalece um maior fervor da audiência. Escolhendo como objeto a jornalista Fernanda Gentil, esta pesquisa busca compreender como se dá a construção do discurso jornalístico em torno da apresentadora, passando pelo campo profissional e exaltando os aspectos da vida particular.

O REINO DAS CELEBRIDADES

A tendência de uma cultura centrada em uma rápida propagação de informações e de uma população ávida por novos desdobramentos da vida pública e “privada” de celebridades traz novas figuras à fama. Procurando uma definição que sintetize o processo de celebrização, Rojek (2008, p. 11-12) afirma que a audiência criou um vício na celebridade, consolidado no desejo de fama entre as pessoas comuns e na comparação de nossos valores com personagens que nunca foram vistos pessoalmente. França (2014, p. 19-20) estabelece o conceito de celebridade a alguém que se torna conhecido de muitas pessoas, reconhecido por aquilo que é ou faz, cultuado enquanto certa excepcionalidade digna de admiração e reverência. Essas qualidades são complementadas pelo meio ou dispositivo através do qual a fama se espalha e se estabelece; um caráter mais epidérmico ou circunstancial, em razão da consistência e durabilidade da celebridade; e uma ampliação das condições e perfis suscetíveis de se tornar uma.

Pensando em como alguém chega ao status de celebridade, Rojek (2008, p. 20) propõe três condições: 1) a celebridade *conferida* (membros da monarquia ou política);

2) a *adquirida* (por talentos únicos ou habilidades); 3) a *atribuída*⁴, que pode ser considerada uma variação da adquirida, só que não resulta de uma habilidade especial, mas de uma concentrada representação de um indivíduo que merece ser notado por intermediários culturais. É esse lugar que ocupam os jornalistas elevados a celebridades, pois possuem outros elementos na construção jornalístico-midiática que fazem uso de suas imagens, como amores, hábitos, eventos que frequentam e aspectos da vida privada.

França (2014, p. 23) sugere uma mistura destes três critérios e cria uma fórmula para ser celebridade: ocupar um lugar de destaque, ter um bom desempenho e ganhar visibilidade. Em cada indivíduo, observa-se qual dos aspectos tem maior ênfase, sem que seja necessário eliminar a influência dos outros para esta construção.

Tendo a imagem midiaticizada e veiculada em produtos jornalísticos, a celebridade depara-se com um eu público e privado (Rojek, 2008, p.13), à medida que se torna cada vez mais presente no universo midiático. Tal atribuição remete ao que Morin (1989, p. 24-25) conceitua como o eu “duplo”, no qual o representante e o representado se determinam mutuamente. Algo semelhante pode ser dito com relação ao jornalista enquanto celebridade, que cumpre seu papel de informar através das notícias, mas é influenciado pelo que está sendo repercutido em relação ao modo de se expressar profissionalmente e à inserção de sua vida particular na esfera pública pela mídia. Há uma distinção entre uma vida chamada de privada – que é exposta e construída em veículos especializados –, a maneira como o jornalista age dentro da profissão, e quem o profissional realmente é – ou pensa que é – em seu íntimo quando está longe dos holofotes e do jornalismo. Essas diferenciações não são estagnadas ou fortemente delimitadas, mas dependentes entre si. Esta construção do jornalista enquanto celebridade também está condicionada à forma como ele se porta em exposições voluntárias e até por informações com base em fofoca ou capturadas sem consentimento por fotógrafos *paparazzi*.

DEUSES IMPERFEITOS: A ASCENSÃO DOS OLIMPIANOS

Se no passado, a consagração do estrelato era destinada apenas aos artistas e a indivíduos privilegiados por status ou riqueza, hoje a categoria das celebridades admite mais integrantes. Isso se deve à disseminação de uma necessidade de ser visto,

⁴ Rojek (2008) ainda fala sobre os “celetóides”. No entanto, eles se diferem das celebridades, em função da duração de sua repercussão junto ao público, por exemplo, ganhadores na loteria. Além disso, o autor trata do “celeator”, que é quando um personagem fictício se torna parte da cultura popular.

incentivada por um narcisismo viral em que todos querem se mostrar e “ser” publicamente, além de novas formas que facilitam lançar-se ao mundo como, por exemplo, as redes sociais (FRANÇA, 2014, p. 29-31). Essa tendência, porém, nada tem de democrática ou de igualitária, uma vez que quem atinge o apogeu de visibilidade sempre será superior em comparação ao restante da população.

Em meados do século XX, o *star system* passa a dar lugar a um novo Olimpo (SILVA, 2011, p. 67), no qual as estrelas do cinema convivem com esportistas, políticos, músicos e outras figuras públicas. Esses indivíduos são chamados de Olimpianos, as vedetes da atualidade (MORIN, 2011). “Neste Olimpo moderno não se vê mais a imagem privilegiada da felicidade, mas divórcios, brigas, mágoas, fracassos e depressões”. (MORIN, 1989, p. 128). Essas celebridades são um fenômeno que nasce no seio da mídia de massa, permanecendo vinculadas a ela (PRIMO, 2009, p.4), e o papel dos veículos é executar a “regra dos 15 minutos de fama” de Andy Wahrol (MEDEIROS, 2009, s.p.).

Morin (2011, p. 101) adverte que esses modelos que parecem ser mais imitáveis também possuem elementos inimitáveis. Eles são sobre-humanos no papel encarnado, mas não deixam de ser humanos na existência privada. Desse paradoxo, surge o interesse da mídia e do próprio jornalismo de retratar uma intimidade que nunca se terá certeza do quanto é verdadeira e qual o limite entre a veracidade e o excesso. “A vida é midiática e deve ser vivida como um espetáculo em que todo dia há um novo capítulo, e onde, invariavelmente, a intimidade está presente” (PENA, 2002, p. 9).

Os olimpianos “realizam os fantasmas que os mortais não podem realizar, mas chamam os mortais para realizar o imaginário⁵” (MORIN, 2011, p. 101). Aqui, entra o processo que Morin (1989, p. 11) chama de projeção-identificação entre estrela e público, possibilitando uma aproximação do imaginário e do real, que complementam um ao outro. França (2014, p. 27) vê a projeção como o aspecto divino do olimpiano nesta relação, atendendo ao desejo dos indivíduos comuns de ir ao encontro da beleza, força, coragem, realização amorosa e plenitude. Já a identificação se dá no lado humano dessas estrelas, cujas fragilidades e sofrimentos são compartilhados com o público, que é solidário pelas dores e perdas.

É pelo interesse que desperta na audiência – e em quem produz notícias a respeito

⁵ Adota-se o conceito de Morin (2011), que define o imaginário como o infinito virtual que acompanha o que é atual, singular, limitado e finito no tempo e no espaço. É a estrutura antagonista e que complementa o real para o homem. Dá fisionomia aos nossos desejos, aspirações, necessidades, angústias e temores.

–, que a celebridade manterá seu posto diante da fama por mais tempo. Para Pena (2002, p. 7), uma das principais estratégias para sobrevivência da celebridade é a exposição da intimidade. Não há razão para insistir em alguém cuja fórmula de celebrização não traga resultados, ou seja, que não reverta em consumo⁶ daquela estrela através da projeção e identificação, o que faz da celebridade uma construção coletiva. Compartilhar “segredos” de figuras já conhecidas promove o consumo por uma curiosidade interminável.

A CONSTRUÇÃO DO JORNALISTA COMO CELEBRIDADE

A inserção do jornalista no campo da celebridade propõe uma transformação de noticiador em noticiado (BATISTA, 2013), e faz com o que o âmbito da informação ultrapasse barreiras de maneira positiva e negativa, de acordo com o modo em que essa construção é realizada. As notícias devem entreter e despertar interesse, caso contrário teriam poucos leitores. O jornalismo conta estórias, e elas podem ser sobre personalidades de todos os tipos. Contudo, a expansão de uma espécie de “infotainment” (informação + entretenimento) (TRAQUINA, 2012, p. 210) e de uma abordagem que flerta com o sensacionalismo exige atenção para que não se perca a maneira de fazer jornalismo. Esse entretenimento nas notícias deve se adequar aos limites impostos pelos princípios jornalísticos, como objetividade, clareza, veracidade, credibilidade e submissão aos *valores-notícia* (TRAQUINA, 2013).

Ao estudar o interesse pelo cotidiano das celebridades através da leitura das revistas *people*⁷, Dakhli (2014) o justifica pela promessa de fuga da realidade do leitor, com um esquema de narrativa que remete aos contos de fadas, em que o tempo parece parar quando se compartilha a felicidade desses seres com os leitores. No entanto, esse sentimento também pode ser revertido em irritação e sensação de desigualdade quando comparado à vida do leitor. Aí, encontra-se a exigência de simplicidade e modéstia que deve fazer parte da conduta da estrela. Além disso, informar-se sobre a vida das celebridades é uma forma de socialização.

Uma explicação para compreender como apresentadores de telejornais passam a ser olímpianos está no próprio conceito do que é notícia. É noticiável aquele acontecimento que se distingue do banal, da vulgarização e da repetição, por isso quanto

⁶ Morin (2011) traz a ideia da estrela como mercadoria que é consumida sob o viés da cultura de massa, cuja tendência é o máximo de público para determinado produto, promovendo uma homogeneidade.

⁷ Segundo Dakhli (2014), a revista *people* é um conceito elaborado na França, nos anos 1960, para se referir à imprensa especializada em celebridades.

mais raro, mais importante. Bucci (2000, p. 29) percebe esse fenômeno ao afirmar que o apresentador tem um vínculo de familiaridade com o espectador como se fosse um astro, afirmando que vivemos em um tempo em que os jornalistas de TV são celebridades.

Traquina (2013) apoia-se no conceito de comunidade interpretativa proposto por Zelizer (1993)⁸ e nos pressupostos de Bourdieu (1998)⁹, adotando o termo “tribo jornalística” para determinar o grupo formado por jornalistas. O autor os mostra como uma comunidade de crentes, com dedicação total à profissão pelas muitas horas de trabalho e sacrifícios pessoais. Diferente da celebridade, o jornalista casa-se com a profissão; (...) não tem tempo: não pode jantar em paz; não tem tempo para luas de mel, tem sempre que deixar um número de contato” (TRAQUINA, 2013, p. 51).

Conforme Medeiros (2009), quando está na televisão, o jornalista tem a sua imagem difundida e esse aparecimento visual é uma situação específica do meio, que permite que o jornalista exponha seus gestos, sua voz, sua imagem, suas reações diante dos fatos. Aos olhos do público, o jornalista é um trabalhador e às vezes também comete erros, que evidenciam seu caráter humano e o aproximam da realidade do espectador. As pessoas o chamam pelo nome, pedem autógrafa, e buscam formas de contato através de e-mails e redes sociais (BATISTA, 2013, p. 35). A credibilidade, conquistada pela competência jornalística, consolida o apresentador, mas também serve como passaporte para que seja inserido no campo da celebrização em outros veículos.

Esta construção pode ser intensificada pela própria postura do profissional. Como sustenta Fechine (2008), se antes os apresentadores, primavam pela discrição em relação à sua vida pessoal, hoje, muitos deles se comportam como celebridades, ou até fãs. Analisando prioritariamente os produtos jornalísticos que falam de celebridades, a utilização do estilo predominantemente elogioso e parcial – que é característico do gênero –, surpreende no caso das reportagens envolvendo jornalistas, porque eles são retratados assim por um colega de profissão, como indicam Machado e Hagen (2004, p. 76). Os jornalistas, nem sempre de forma consciente, “glorificam” os próprios colegas e assumem uma postura que se espera do público, mas não do profissional. Eles deixam de lado a objetividade, cedendo ao subjetivo, e deixam que a emoção seja o discurso principal (HAGEN, 2004, p. 66), tornando-se fãs. Apoiando-se nessa ideia, pode-se incluir,

⁸ ZELIZER, Barbie. *Journalists as Interpretive Community*. *Critical Studies in Mass Communication*, v. 10, 1993.

⁹ BOURDIEU, Pierre. *On Television*. New York: The New Press, 1998.

inclusive, o caso da jornalista Fernanda Gentil, objeto desta pesquisa, que é noticiada assim em alguns produtos da Rede Globo, sua própria emissora.

FERNANDA GENTIL: A JORNALISTA, MÃE E NAMORADA

A jornalista Fernanda Gentil apresenta o programa *Esporte Espetacular* aos domingos, na Rede Globo, junto com o jornalista Felipe Andreoli. O programa traz novidades esportivas e existe desde 1973. No meio radiofônico, Fernanda faz o *Papo de Almoço* na Rádio Globo¹⁰, programa que conta com um apresentador a cada dia e vai ao ar de segunda a sexta, ao meio-dia. Ela ainda participa do programa *Convocadas* na mesma rádio, às terças-feiras, às 22h, com outras mulheres para debater futebol. Tem passagens pelo Globo Esporte do Rio de Janeiro e São Paulo. É formada em Jornalismo pela PUC-RJ e iniciou a carreira na TV Esporte Interativo em 2006. Depois foi para a Rede Bandeirantes, seguido do canal SporTV em 2009, e chegou à Rede Globo em 2011¹¹. Foi eleita a personalidade do esporte no Prêmio Extra de TV 2014¹². Em 2018, cobriu sua terceira Copa do Mundo, tendo também atuado nos Jogos Olímpicos no Brasil em 2016 e na Copa das Confederações em 2013.

Alguns acontecimentos da vida privada da apresentadora são citados em produções jornalísticas a seu respeito, como o fim do casamento de cinco anos com empresário Matheus Braga, em abril de 2016, pai do filho Gabriel, de 2 anos. A vida privada também surge quando as referências à maternidade incluem o afilhado, Lucas, 10 anos, que começou a criar como filho quando ele tinha cinco meses e ela, 21 anos, após a morte da tia de câncer. A vida amorosa ainda rende assunto nos discursos jornalísticos pelo fato de cinco meses após o divórcio, Fernanda ter se assumido publicamente como homossexual depois de ser vista com a nova namorada, a jornalista Priscila Montandon. Alvo de críticas e de elogios, o novo relacionamento e a orientação sexual se tornaram uma bandeira defendida pela jornalista e um tópico recorrente de perguntas em entrevistas.

¹⁰ As informações sobre os atuais programas da apresentadora foram repassadas pela assessoria da Rede Globo. Como se trata de uma contextualização, não serão aprofundadas as informações acerca dos programas.

¹¹ Para mais informações: <<https://oglobo.globo.com/ela/gente/fernanda-gentil-fala-sobre-presenca-feminina-na-cobertura-da-copa-do-mundo-da-russia-22733452>>. Acesso em 8 jun. 2018.

¹² Conforme informações em matéria do site do jornal Extra. Disponível em <<https://extra.globo.com/tv-e-lazer/premio-extra-tv/fernanda-gentil-ganha-premio-extra-de-personalidade-do-esporte-14536865.html>>. Acesso 08 jun.2018.

A construção de Fernanda Gentil como notícia

Aliando-se à concepção de que o jornalismo é um gênero discurso, atribuída por Benetti (2008), considera-se a análise do discurso (AD) de linha francesa a metodologia mais adequada para compreender os sentidos contidos nos produtos jornalísticos e a relação entre os sujeitos envolvidos em seus textos, áudios e imagens. Segundo Gill (2007), esse tipo de análise requer uma leitura cuidadosa, que caminha entre o texto e o contexto. A AD rejeita a ideia de que a linguagem é um meio neutro de refletir ou descrever o mundo. Toda a fala ou texto é discurso, e ele é formado por escolhas e seleções, o que justifica esta inclusão do jornalismo como tal. Esse discurso, estabelecido na linguagem, produz sentidos que partem desde as concepções do emissor até a maneira como receptor entende o significado.

Para compreender como se dá a construção da jornalista Fernanda Gentil como uma olimpiana (MORIN, 2011) e como profissional da tribo jornalística (TRAQUINA, 2013), foi realizada uma busca em portais de pesquisa online, como Google e diretamente em sites de veículos e portais de notícias em que mais apareceram resultados após o levantamento inicial. A prioridade foi manter os espaços com vínculo jornalístico, por isso blogs e sites em que não era possível constatar este fator foram desprezados. Além disso, foram selecionados apenas conteúdos publicados entre 2017 e 2018, para uma contextualização mais atualizada. Chegou-se ao total de 50 matérias online e o recorte para análise das sequências discursivas ficou em 11 textos¹³ para verificação dos sentidos que se repetem e que se sustentam entre os discursos.

Três formações discursivas (FDs) foram estabelecidas para analisar a construção de Fernanda Gentil dentro desta seleção. A saber: profissionalismo, que diz respeito aos sentidos que remetem à carreira, ao talento enquanto profissional e a aspectos do jornalismo; homossexualidade, onde entram as notícias sobre seu relacionamento homoafetivo e demais assuntos associados à orientação sexual; e por fim maternidade, para tratar das menções ao papel de mãe e a relação com o filho e o afilhado.

Profissionalismo: carreira em meio à vida pessoal

Mesmo quando se fala da carreira jornalística de Fernanda, a maioria das matérias

¹³ O critério foi buscar os textos que melhor representassem os sentidos que se repetem na maioria dos conteúdos observados, priorizando matérias com maior detalhamento e de grandes veículos, inclusive os da rede Globo, emissora da própria Fernanda Gentil.

está em sessões destinadas ao *entretenimento*, *bastidores* ou textos sobre *gente*. Foram encontradas notícias que mencionam méritos profissionais ou mudanças de função, no entanto, a tendência é, mesmo quando o enfoque principal é o jornalismo, mencionar algum aspecto de maternidade ou de homossexualidade, sentidos que parecem vir atrelados quando o assunto é Fernanda Gentil.

Prestes a fazer a cobertura de mais uma Copa do Mundo, a jornalista é personagem para uma matéria do jornal O Globo que tem como título “Fernanda Gentil fala sobre a presença feminina na cobertura da Copa do Mundo da Rússia”¹⁴. A chamada propõe ao leitor que o assunto será o fortalecimento das mulheres nesse tipo de reportagem, no entanto, o texto já abre colocando Fernanda na posição geralmente destinada às celebridades, porque ela está em um clima descontraído e comentando sobre o fato de ter sido levada ao estádio do Maracanã para um ensaio de moda com roupas e acessórios de grife. Inclusive, Gentil chega a fazer uma comparação com a modelo Gisele Bündchen. No texto, a jornalista ainda é chamada pela repórter de *gente como a gente*, o que remete à ideia apresentada por Morin (1989) quando fala do lado humano dos olímpicos, permitindo que os meros mortais se projetem e se identifiquem, mesmo que aquela celebridade esteja em um patamar que não é alcançável para todos. Dentro desse jogo entre imaginário e real, o texto vai passando da celebridade em direção ao campo da tribo jornalística (TRAQUINA, 2013) descrevendo Fernanda como uma “mulher corajosa, batalhadora, transparente e apaixonada pelo que faz. E é essa paixão pelo esporte que ela levará para a Copa do Mundo da Rússia” [Ver nota 14]. A partir do referido trecho, a matéria assume um tom sério para falar do protagonismo feminino no esporte, citando outras jornalistas, e as funções que Fernanda vai desempenhar em sua terceira Copa. Há ainda espaço para comentar a campanha *#DeixaElaTrabalhar* que incentiva o trabalho feminino e combate à discriminação e o preconceito contra jornalistas mulheres nos estádios. Saindo novamente do foco na carreira, a matéria vai para a vida particular com a maternidade e o relacionamento homossexual de Fernanda.

Isso também acontece em uma matéria publicada no GShow, site da própria emissora da apresentadora. O texto inicia falando da credibilidade conquistada por ela em

¹⁴ Disponível < <https://oglobo.globo.com/ela/gente/fernanda-gentil-fala-sobre-presenca-feminina-na-cobertura-da-copa-do-mundo-da-russia-22733452>>. Acesso em 8 jun. 2018.

um “ambiente até hoje dominado pelos homens”¹⁵, do prêmio que recebeu e do currículo com coberturas de grandes eventos esportivos. Há um espaço dedicado para que Fernanda comente como é o trabalho nos programas que apresenta na televisão e no rádio. Diante de toda a ênfase na profissão, surge, no meio disso, a figura da mãe que trabalha e precisa conciliar maternidade e carreira: “Com dois filhos – Lucas, de 9 anos, que cria ao lado do tio após o menino perder a mãe, e Gabriel, de 2 – , ela assume: “Me culpo muito por estar trabalhando tanto hoje em dia, principalmente com os dois pequenos (...) eu saio de casa e volto por eles”” [ver nota 15].

Aqui percebe-se, mais uma vez, a presença da maternidade mesmo que atrelada ao campo do profissionalismo. Como integrante da tribo, Fernanda é dedicada, trabalhadora e precisa estar na redação a ponto de se sentir *culpada* por não poder estar sempre com as crianças. No entanto, isso traz uma conotação positiva tanto do lado da jornalista quanto da mãe, porque ela tem um compromisso com a profissão, mas compensa sendo uma mãe amorosa, como ainda mostraremos.

O tom elogioso ao desempenho de Fernanda Gentil como jornalista também aparece no episódio da greve dos caminhoneiros no Brasil em maio de 2018, em um momento em que ela teve que se deslocar da habitual editoria esportiva no espaço do programa *Esporte Espetacular* para apresentar o noticiário especial com o giro de repórteres em diferentes estados com relatos da paralisação. A reação positiva em redes sociais¹⁶ virou tema de matérias em que os próprios colegas jornalistas se aliam aos internautas para descrever o trabalho da apresentadora. “Fernanda Gentil, 31, nunca esteve tão séria frente às câmeras”¹⁷. O caso deste texto do jornal Folha de S. Paulo traz algumas atitudes que fortalecem mais o campo da celebridade do que o esperado da tribo jornalística. Em primeiro lugar, o fato de o noticiador ser o noticiado (BATISTA, 2013). A segunda situação é que, apesar da aprovação por uma função bem realizada, a própria jornalista vai para sua rede social se manifestar e detalhar bastidores, falando da cobertura exaustiva e postando uma foto em que está apresentando descalça após abandonar as

¹⁵ Disponível < <https://gshow.globo.com/Famosos/noticia/fernanda-gentil-fala-sobre-trabalho-e-familia-tudo-o-que-faco-e-para-dar-aos-meus-filhos-uma-vida-que-acho-que-eles-mercem.ghtml>>. Acesso em 8 jun. 2018.

¹⁶ O objetivo não é fazer uma análise de recepção do público, porém este caso é ressaltado para enfatizar como a FD profissionalismo foi percebida em matérias que falam de Fernanda Gentil quando executa a função jornalística.

¹⁷ Disponível < <https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2018/05/fernanda-gentil-e-elogiada-ao-fazer-cobertura-da-paralisacao-dos-caminhoneiros.shtml>>. Acesso em 8 jun. 2018.

sandálias de salto alto pelo cansaço. Ela ainda demonstra entusiasmo e deslumbramento em ocupar este posto no jornalismo geral. “Segundo alguns espectadores, teria vazado um áudio do programa em que a jornalista dizia: “Tô amando, cara, me deixa aqui” [ver nota 17].

Apesar de boa parte da matéria se dedicar à Fernanda na atuação como jornalista, o parágrafo final também vai para o lado da celebridade e finaliza com um elemento seguidamente relacionado à apresentadora: a Homossexualidade, reforçando esse sentido mesmo em uma matéria em que o assunto principal não é relacionamento. “A jornalista, que é homossexual, também levanta bandeiras contra a homofobia” [ver nota 17].

Maternidade: a mãe amorosa e exemplar

Como já mencionado anteriormente, a figura materna de Fernanda Gentil seguidamente é lembrada nos discursos jornalísticos. Essa FD da maternidade surge quando se trata da carreira, mas também como tema principal já a partir do título de algumas matérias. Em um dos textos, o gancho para falar disso é uma postagem de uma foto da apresentadora em uma rede social em que ela faz uma declaração amorosa ao filho Gabriel e ao afilhado Lucas. A notícia usa trechos da legenda e evidencia um aspecto da carreira da jornalista, a cobertura da Copa do Mundo. Mais uma vez, se retorna o sentido da profissional que precisa deixar as crianças para cumprir com seu dever.

- “Talvez já seja a saudade dilacerante batendo no meu peito e avisando que esses 46 dias de Rússia vão ser desafiadores. Mas ao mesmo tempo é a imensa vontade de tentar fazer com que eles, em cada um desses 46 dias, se orgulhem de mim um pouquinho”¹⁸.

A publicação da revista ainda descreve a apresentadora como uma “mamãe-coruja” e completa dizendo que a jornalista “está ansiosa e sofrendo por antecipação”. Esta sequência discursiva demonstra o que Rojek (2008) fala como a representação do eu público e do eu privado da celebridade. Sabemos que a jornalista vai viajar para mais um evento importante de sua trajetória pelo mérito de ser designada para esta tarefa (eu público, a jornalista que conhecemos pela televisão e pela credibilidade no mundo esportivo). No entanto, no eu privado, temos o que Morin (1989, p. 119) fala do olimpiano que pode exercer papéis mundanos, como a maternidade. Aqui ela vem como uma função

¹⁸ Disponível <<https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2018/05/fernanda-gentil-se-declara-para-filho-e-enteado.html>>. Acesso em 8 jun. 2018.

desempenhada de forma exemplar, cujo amor pelos filhos é motivo de admiração. Em outro segmento, essa mãe protetora e amorosa aparece em uma declaração de Fernanda sobre o dia do enterro da tia, quando decidiu criar o afilhado: “a gente descobre uma bondade que nem sabe que tem. Virei uma espécie de polvo com leoa” [ver nota 14].

A partir disso, a maternidade também é retratada dentro do contexto do novo relacionamento de Fernanda. A mãe exemplar, já construída e consolidada em outros textos, quer aumentar a família: “Fernanda Gentil está a cada dia mais apaixonada pela namorada, Priscila Montandon. Prova disso é que a jornalista da Globo não descarta a ideia de ter filhos com a amada”¹⁹. Reforçando o sentido, a matéria ainda cita uma afirmação em que a jornalista sustenta novamente a ideia do amor por crianças e por “educar um ser humano”. O texto finaliza lembrando brevemente algo do meio jornalístico: Fernanda vai cobrir a Copa, mas isso fica menosprezado diante da magnitude do desejo de ser mãe de novo.

Homossexualidade: a visão do romantismo e uma causa em defesa

O nome de Fernanda Gentil já integrava o grupo de jornalistas *noticiados*, porém se assumir homossexual depois do fim de um casamento provocou um segmento extenso de matérias em torno do novo relacionamento com a jornalista Priscila Montandon. A reação da família é um dos elementos explorados, desde a compreensão com naturalidade do afilhado Lucas, ao apoio e diálogo com os pais e o irmão, que surgiram após um tempo de assimilação, segundo a jornalista. O preconceito e a bandeira levantada pela causa também contribuíram para consolidar essa FD ao nome de Fernanda Gentil. Ela fala abertamente da situação, inclusive se posicionando diante de acontecimentos de homofobia do noticiário, e usando o seu caso como exemplo para rebater críticas: “A naturalidade é a melhor bandeira que a gente pode levantar. A maior que eu posso levantar é viver como estou vivendo: eu assumi, falei para todo mundo, e vida que segue”²⁰.

Com esta atitude de transparência de um aspecto da vida privada, chegam as matérias características do gênero das celebridades que incluem Fernanda e Priscila trocando juras de amor e registrando seus eventos da vida romântica, como os passeios, fotos e declarações emocionadas que fazem com que o público desenvolva o imaginário

¹⁹ Disponível <<https://www.otvfoco.com.br/apaixonada-fernanda-gentil-quer-ter-um-filho-com-namorada-priscila-montandon/>>. Acesso em 8 jun. 2018.

²⁰ Disponível <<https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2018/05/07/fernanda-gentil-diz-como-contou-ao-filho-que-namora-mulher-ele-sorriu.htm>>. Acesso em 8 jun. 2018.

e se projete nessa relação de contos de fadas. Os próprios autores das matérias se posicionam: “Fernanda Gentil e Priscila Montandon são um dos casais mais fofos que a gente conhece!”²¹.

Por fim, a homossexualidade e a vida amorosa bem-sucedida também ofuscam a carreira jornalística, inclusive quando o factual é algo atrelado ao profissionalismo. Isso ocorre em uma publicação em que o tema é Fernanda ter vencido o prêmio Comunique-se de melhor jornalista de Esporte – Mídia Falada²². A matéria vai pelo recorte de que Fernanda estava acompanhada da namorada e de que foi o ano em que ela assumiu a homossexualidade, destacando o clima de romance entre as duas e retomando a forma como o pai dela lidou com isso. Há pouco detalhe sobre a carreira ou o que levou a apresentadora a tal reconhecimento²³.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, a partir das análises construídas com base no questionamento de pesquisa proposto, na construção de Fernanda Gentil existem sentidos que remetem à tribo jornalística (TRAQUINA, 2013) e ao reconhecimento enquanto profissional com credibilidade e méritos na carreira. No entanto, alçada ao Olimpo, a vida privada evidenciada principalmente pela maternidade e pela homossexualidade são sentidos recorrentes e superam em quantidade qualquer tentativa de construí-la apenas como jornalista. Não se considera prejudicial ao jornalismo falar sobre um apresentador. É, de fato, uma inversão de papéis. Ele pode estar do outro lado – sendo notícia –, quando construído pela competência de seu trabalho, por ter recebido um prêmio, ou por uma cobertura especial, como a Copa do Mundo. Isso desde que seja noticiado com objetividade, clareza e veracidade. Em outras palavras, desde que seja feito jornalismo.

²¹ Disponível <<https://revistaglamour.globo.com/Celebridades/noticia/2018/05/fernanda-gentil-posa-com-namorada-e-reclama-de-saudade-dificil-ate-respirar.html>>. Acesso em 8 jun. 2018.

²² Disponível <<https://www.otvfoco.com.br/apos-homenagem-em-premio-fernanda-gentil-ganha-beijo-da-namorada/>>. Acesso em 8 jun. 2018.

²³ Em razão do espaço limitado, insiro aqui os links para as outras matérias utilizadas dentro do *corpus* da análise e que não foram citadas dentro do texto.

<<https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2017/09/fernanda-gentil-conta-como-foi-assumir-homossexualidade-para-os-pais.shtml>>. Acesso em 8 jun. 2018.

<<https://revistaglamour.globo.com/Celebridades/noticia/2018/05/fernanda-gentil-posa-com-namorada-e-reclama-de-saudade-dificil-ate-respirar.html>>. Acesso em 8 jun. 2018.

<<https://www.terra.com.br/diversao/gente/purepeople/fernanda-gentil-usa-blusa-personalizada-com-foto-da-namorada-uma-na-outra,b59cf297ea33a0454e99fc29b7226d00xnp96yhs.html>>. Acesso em 8 jun. 2018.

Como os enfoques são dados mais à construção enquanto olimpiana, o que percebemos é uma Fernanda Gentil apaixonada, que rompeu barreiras e se assume publicamente com um relacionamento homoafetivo, descrita como uma mulher que superou o final de um casamento e vive seu “final feliz”, algo típico dos contos de fadas e da vida da celebridade que os meros mortais desejam ter – aqui incluindo leitores e os próprios jornalistas que escrevem. Ela ainda é a mãe dedicada, mas que ao mesmo tempo precisa trabalhar para garantir o sustento, o que vai ao encontro da identificação e projeção do público no desempenho deste papel e flerta com o conceito do jornalista da tribo que precisa abrir mão do lazer em prol da boa apuração. A credibilidade e o reconhecimento como uma jornalista competente ainda estão presentes nesta construção, ainda que muitas vezes de forma implícita e sufocada. No entanto, não podemos esquecer que o local de fala enquanto apresentadora foi o que disparou o gatilho para a avalanche de matérias acerca da vida privada.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Ana Lúcia de Medeiros. **Noticiador-Noticiado: Perfis de jornalistas numa sociedade em midiaticização**. 2013. 196 f. Tese de doutorado – Universidade de Brasília. Faculdade de Comunicação. Programa de Pós-Graduação, Brasília, 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10482/14274>>. Acesso em 25 nov.2014.

BENETTI, Marcia. O jornalismo como gênero discursivo. **Revista Galáxia**, São Paulo, n.15, jun. 2008.

BUCCI, Eugênio. **Brasil em tempo de TV**. 3.ed. São Paulo: Boitempo, 2000.

DAKHLIA, Jamil. Informar-se sobre as celebridades: por quê? A opinião dos leitores franceses sobre a imprensa people. In: FRANÇA, Vera et al. **Celebridades do século XXI: transformações no estatuto da fama**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

FECHINE, Yvana. A Nova Retórica dos Telejornais: uma discussão sobre o éthos dos apresentadores. In: **ENCONTRO DA COMPÓS**. 17. 2008. São Paulo. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_377.pdf>. Acesso em 13 set.2014.

FRANÇA, Vera. Celebridades: identificação, idealização ou consumo?. In: FRANÇA, Vera et al. **Celebridades do século XXI: transformações no estatuto da fama**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

GILL, Rosalind. Análise do Discurso. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som – Um manual prático**. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

HAGEN, Sean. **O Casal 20 do Telejornalismo e o Mito da Perfeição**: como a mídia constrói a imagem dos apresentadores Fátima Bernardes e William Bonner. 2004. 241 f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Programa de Pós-Graduação, Porto Alegre, 2004.

MACHADO, Márcia Benetti; HAGEN, Sean. A glamourosa vida de uma estrela do jornalismo: como as revistas femininas representam a diva Fátima Bernardes. **Em Questão**: revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, Porto Alegre, v. 10, n.1, p. 63-79, jul/dez. 2004. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/83/43>>. Acesso em 21 set. 2014.

MEDEIROS, Ana Lúcia. Tipologia de celebridades: em busca do conceito, desde o século XV aos dias atuais. **Anais**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HUMANIDADES, 12., 2009. Brasília: UnB, 2009. Disponível em: <http://unb.revistaintercambio.net.br/24h/conteudo/visualiza_lo03.php?pag=;revistaintercambio;paginas;visualiza_lo03&cod=234>. Acesso em 24 nov.2014

MORIN, Edgar. **As Estrelas: mito e sedução no cinema**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

_____. **Cultura de massas no século XX**: Neurose. 10.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

PENA, Felipe. **A vida é um show**. Celebidades e heróis no espetáculo da mídia. Universidade Estácio de Sá, 2002. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/pena-felipe-vida-show.pdf>. Acesso em 21 set.2014.

PRIMO, Alex. Existem celebridades da e na blogosfera? Reputação e renome em blogs. **Anais**. In: ENCONTRO DA COMPÓS, 18., 2009. Belo Horizonte: PUC-MG, 2009. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1017.pdf>. Acesso em 21 set.2014.

ROJEK, Chris. **Celebridade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

SILVA, Dayana Karla Melo da. **Imagens e Vozes do Olimpo Midiático**: as interfaces entre mídia, celebridade e imaginário. 2011. Dissertação de mestrado – Universidade Federal da Paraíba. Faculdade de Comunicação. Programa de Pós-Graduação, João Pessoa, 2011.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**, porque as notícias são como são. 3.ed, v.1, Florianópolis: Insular, 2012.

_____. **Teorias do Jornalismo**. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. 3.ed, v. 2, Florianópolis: Insular, 2013.